

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal de Hoje

Class.: 23

Data: 25/03/82

Pg.: 3

INFORME WR

A morte dos Guajá (1)

A Delegacia Regional da Funai é responsável pela morte de onze índios Guajá do rio Pindaré, segundo denúncia do antropólogo Mércio Pereira Gomes, professor da Universidade de Campinas (Unicamp).

Mércio, que já estudou os Guajajara, há dois anos vem fazendo pesquisas com os Guajá, o último grupo indígena do Brasil que ainda vive da coleta de frutos e da caça.

Há dois anos, informa o antropólogo, 28 índios Guajá foram constata- dos no Igarapé Timbira (município de Santa Luzia), numa área cercada por fazendas e vilarejos. O antropó- logo, que já falava a língua Guajá,

por ter vivido com outro grupo locali- zado no rio Turiaçu, advertiu o dele- gado da Funai em São Luís, major Alípio Levay, da necessidade de se formar imediatamente uma equipe de pessoas habilitadas, providas de medicamentos e serviço de rádio, para transferir os 28 índios para a reserva Caru, onde estariam mais seguros. A reserva fica a apenas 40km do Igarapé Timbira.

A Funai, porém, não atendeu às recomendações do antropólogo: quando a transferência foi finalmente consumada, oito índios já haviam mor- rido.

A morte dos Guajá (2)

"O major Alípio Levay e vários de seus funcionários", acusa o profes- sor Mércio, "estão na Idade da Pedra, pois acham que antropólogo deve li- mitar-se ao estudo da cultura indí- gena, sem que lhe caiba adiantar re- comendações sobre como se deve agir com elas para lhes garantir a sobrevi- vência". Preferindo agir por suas pró- prias cabeças, diz Mércio, os funcioná- rios da Funai "cometeram as maiores barbaridades", tanto que mais três índios Guajá, do grupo localizado no

Igarapé Timbira, morreram em janeiro deste ano. Dois morreram de malária não diagnosticada pelo médico e pelo enfermeiro da Funai, que pensavam estar diante de uma simples gripe; o terceiro foi abatido pela desidratação, consequente de uma infecção intes- tinal que o enfermeiro não tratou.

Pior ainda: o enfermeiro desprezou as recomendações de Mércio; pois fora instruído para seguir as "intro- missões" do antropólogo.

A morte dos Guajá (3)

Mércio Gomes afirma que a polícia adotada pelo major Levay, de despre- zo à orientação antropológica, condu- zirá ao breve extermínio dos Guajá.

Além do grupo do Igarapé Timbira (que hoje vive às margens do Igarapé do Presídio, no interior da reserva Caru) há outros grupos arredios no Maranhão, em áreas não demarcadas pela Funai. Conseqüentemente, a mer- cá de contatos traumáticos com a po-

pulação "branca".

Os Guajá, lembra o antropólogo Mércio Pereira Gomes, eram uns 300 indivíduos em 1972. Hoje são apenas 180, dos quais a Funai só tem contato com 65. "E os outros, o que será de- les?", pondera o antropólogo. "Se é para contatar esses 115 índios espa- lhados por grande parte do Maranhão Ocidental e depois deixá-los morrer de doenças, melhor será que permane- çam como estão".

A Funai e os guajá

O delegado regional da Funai, Alípio Levay, responde hoje à denún- cia do antropólogo Mércio Pereira Gomes, que responsabilizou funcioná- rios do órgão pela morte de onze ín- dios guajá, na região do Pindaré.

Mércio não se acha em São Luís, mas sim nas matas do Caru, de modo que tão cedo não teremos a réplica.

Sobre os guajá, um esclarecimento,

para os que acharam que houve en- gano. O nome é mesmo guajá, e não guajajara. Ambos pertencem ao grupo tupi, mas não há como confundí- los. Segundo Mércio Gomes, os guajá são o último grupo nômade brasileiro, e também o último que ainda vive apenas da coleta de frutos e da caça. O primeiro grupo guajá foi contactado por sertanistas da Funai apenas em 1973.